

A colecção “Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre ...” será constituída, numa primeira fase, por dez livros, de edição Trimestral.

Volumes que integram a colecção:

1. Feiras, Festas e Romarias
EDITADO A 15 JANEIRO DE 2010
2. As Linhas Defensivas de Torres Vedras
EDITADO A 30 ABRIL DE 2010
3. Gastronomia
EDITADO A 01 JULHO DE 2010
4. Museus do Concelho
EDITADO A 19 NOVEMBRO DE 2010
5. Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga
EDITADO A 25 FEVEREIRO DE 2011
6. Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira
7. Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho
8. Património de Alverca e Calhandriz
9. História de Vila Franca de Xira
10. Instituições de Solidariedade Social

Preço de venda:

3.00 euros

Locais de venda:

Posto de Turismo, Museu Municipal e Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira)

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA
www.cm-vfxira.pt

VILA FRANCA DE XIRA - SABER MAIS SOBRE ... PATRIMÓNIO DA CASTANHEIRA DO RIBATEJO E VILA FRANCA DE XIRA



Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**



Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira

A colecção Vila Franca de Xira – saber Mais Sobre..., criada pela Câmara Municipal, dá corpo a um dos objectivos primordiais da autarquia, que é o de comunicar e educar, divulgando, no âmbito do Museu Municipal, os resultados de pesquisas efectuadas. A intenção é dinamizar, através dessas investigações, uma consciência patrimonial activa, potenciando os recursos concelhios nessa área e o desenvolvimento local.

As atenções dirigem-se sobretudo para a divulgação da cultura local, erudita ou popular, muitas vezes só guardada até aí pela tradição oral, o espólio patrimonial edificado e a História de carácter identitário da região e das suas comunidades, capazes de interessar a diferentes tipos de públicos. São livros de fácil acesso e consulta, destinado a quem nos visita ou contacta.

As edições, basicamente informativas, abordarão temáticas variadas, das Feiras, Festas e Romarias aos Museus, instituições relevantes da sociedade civil, equipamentos municipais ou espaços públicos de lazer, cultura e recreio. Em cada item a tratar será apresentada a sua raiz histórica e fornecidos os elementos facilitadores da orientação dos públicos que não conhecem o Concelho.

Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**

**Património
de Castanheira do Ribatejo
e Vila Franca de Xira**

Volume 6

FICHA TÉCNICA

Título original

Vila Franca de Xira - Saber Mais Sobre...
Património de Castanheira do Ribatejo e Vila
Franca de Xira

Autor

Oriando Raimundo

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Praça Afonso de Albuquerque, 2
2600 – 093 Vila Franca de Xira

Coordenação Editorial

O Correr da Pena
– Comunicação, Marketing, Edições
Praceta Capitão Américo dos Santos,
7 – 2º Dtº
2735-049 Agualva-Cacém

Parceria

O Correr da Pena
– Comunicação, Marketing, Edições
e Terra Branca, Comunicação Social, Lda.
Rua 31 de Janeiro, 22
2005-188 Santarém

Apoio Documental

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Pesquisa

José Alexandre

Revisão

Maria Manuela Alves

Fotografia

C. Agostinho, Dias Reis, J. Levezinho, R.
Caetano, V. Cartaxo, Banco de imagens do
Gabinete de Informação e Relações Pública da
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, da
Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira e de
O Correr da Pena

Paginação

CMVFX/GGIRP

Impressão

Colibri – Artes Gráficas

1ª Edição: Abril de 2011

© O Correr da Pena e Câmara Municipal de
Vila Franca de Xira, 2011

ISBN: 978-989-8254-11-5
Depósito Legal: 326 628/11

ÍNDICE

07 Prefácio

PARTE I: PATRIMÓNIO DE CASTANHEIRA DO RIBATEJO

- 11 Era uma vez um bosque... (Origem do topónimo “Castanheira”)
- 12 Cais da Vala do Carregado
- 13 Capela de São João Baptista
- 14 Fonte de Santa Catarina
- 15 Igreja Matriz de São Bartolomeu
- 17 Marco da VI Légua
- 18 Monte dos Castelinhos
- 19 Quinta das Areias

PARTE II: PATRIMÓNIO DE VILA FRANCA DE XIRA

- 23 Daqui partiu a esperança...
- 25 Azulejos de Vila Franca
- 27 Casa Galache
- 29 Estação de caminhos-de-ferro
- 31 Mercado Municipal
- 32 Celeiro da Patriarcal
- 33 Espaço de excelência para exposições
- 34 Chafariz do Alegrete
- 35 Chafariz de Povos
- 36 Ermida da Senhora da Esperança
- 37 Ermida da Senhora de Alcamé
- 39 Preces pela abundância
- 40 Monumento de Homenagem à Varina
- 41 Monumento de Homenagem ao Toureiro
- 42 Fonte de Santa Sofia
- 43 Gruta da Pedra Furada
- 44 Igreja da Misericórdia
- 45 Igreja do Mártir Santo São Sebastião

ÍNDICE

- 46 Igreja Matriz de S. Vicente Mártir
- 47 Monte do Senhor da Boa Morte
- 48 Cemitério medieval
- 49 Ermida do Senhor da Boa Morte
- 51 Convento de Santo António
- 52 A marca dos Condes de Castanheira
- 53 Monumento de Homenagem a Alves Redol
- 54 Monumento de Homenagem a Campino
- 55 Monumento de Homenagem ao Forcado
- 56 Palácio do Farrobo
- 57 O milionário de Lisboa
- 58 Pelourinho de Povos
- 59 Pelourinho de Vila Franca de Xira
- 60 Praça de Toiros Palha Blanco
- 61 Quinta da Fábrica de Povos
- 62 A importância do Rei Sol

63 **BIBLIOGRAFIA**

65 **CONTACTOS**

O sexto Volume da Coleção de Guias “Vila Franca de Xira. Saber Mais Sobre...”, dá continuidade à abordagem iniciada na edição anterior, dando agora a conhecer a todos vós o Património das freguesias da Castanheira do Ribatejo e de Vila Franca de Xira.

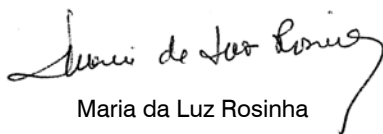
Mais uma vez se torna evidente a riqueza patrimonial que existe em cada freguesia do nosso Concelho, em que cada monumento, cada capela, cada vestígio arqueológico contam um pouco da nossa história, não só regional mas também nacional.

Por estar classificado como imóvel de interesse nacional, permito-me começar por destacar o Pelourinho de Vila Franca de Xira, *ex-libris* da sede do nosso Concelho. Mas este é apenas um dos elementos dignos da vossa descoberta e da vossa visita, servindo de mote para o convite a uma pequena viagem por estas duas freguesias, percorrendo locais de culto – alguns de origem ancestral –, quintas, ermidas, grutas e outros monumentos.

Pela sua antiguidade, algumas destas referências patrimoniais remontam ao início da nossa civilização. São um pouco daquilo que fomos e também daquilo que somos.

Termino renovando o convite para que, com o “Saber Mais...” nas suas mãos, venha conhecer de perto cada um destes pedaços da nossa história. Será um prazer recebê-lo!

A Presidente da Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira



Maria da Luz Rosinha



PARTE I

PATRIMÓNIO DE CASTANHEIRA DO RIBATEJO



ERA UMA VEZ UM BOSQUE...

O bosque de castanheiros que rodeava a antiga Ermida de Nossa Senhora dos Tojos, uma das construções mais antigas de Castanheira do Ribatejo, destruída pelo Terramoto de 1531, deu o nome à terra. Os vestígios mais antigos de presença humana na povoação, encontrados junto ao Tejo, datam no entanto do Paleolítico. E hoje sabe-se também que o Monte dos Castelinhos e local do Bairro Gulbenkian já eram povoadas há mais de 2000 anos.

A aldeia de Castanheira estava integrada em Povos em 1195, quando recebeu carta foral. Em 1452, D. Afonso V concedeu-lhe o estatuto de Vila por carta de 20 de Junho do mesmo ano.

A 1 de Junho de 1510, foi concedido um novo foral por D. Manuel I às freguesias de Povos e Castanheira, mas a sua importância só se impôs no reinado de D. João III, com a concessão a D. António de Ataíde do título de 1º Conde da Castanheira. Apesar de o concelho ter sido extinto em 1837, e o seu pelourinho apeado em 1845, Castanheira do Ribatejo manteve a sua importância como região agrícola, graças

em grande parte à Família Pa-lha. Aqui viveram, no século, XIX, os Marqueses de Abrantes, na Quinta da Esperança, hoje muito arruinada. A Vala do Carregado foi um importante centro de comunicações. Entre 1758 e 1859 passaram por ali as carreiras da Mala-Posta que ligavam Lisboa a Caldas da Rainha, a Coimbra e ao Porto. Passageiros e Correio eram trazidos de Lisboa numa barca da Companhia de Vapores do Tejo, passando ali para as diligências.

Hoje, Castanheira do Ribatejo é uma vila moderna, com indústria e muitos serviços.

CAIS DA VALA DO CARREGADO

RUA PRUDÊNCIO DUARTE CORREIA

Vala do Carregado
(Castanheira do Ribatejo)

Construído no século XIX, para servir as empresas e os pescadores avieiros de Castanheira do Ribatejo e Alenquer, o Cais da Vala do Carregado foi até meados do século XX o porto de saída da produção da fábrica de cerâmica, das vinhas da região e de várias outras mercadorias. Ali era embarcada



também a pedra a ser usada na valagem da lezíria, na outra margem, o que, a somar ao resto, dá uma ideia da extrema importância que chegou a ter para o concelho.

A construção da linha de caminhos-de-ferro e da estação do Carregado, que em Outubro de 1856 foi pioneira da primeira ligação de comboio a partir de Lisboa, teve um efeito negativo no funcionamento do cais. Dividida a meio pela linha férrea, a localidade en-

trou em declínio. Substituídas pela máquina a vapor, as faluas do Tejo perderam freguesia, bem como as diligências da Mala-Posta, e a zona ribeirinha entrou, aos poucos, em decadência.

Hoje é uma peça da arqueologia industrial: o pontão está destruído, tal como as gruas, os carris e os passeios; e os edifícios, incluindo o da antiga fábrica, estão em ruínas. A excepção é o espaço de lazer criado pela autarquia, com bar, esplanada, parque infantil e sanitários.

A incúria dos homens não estragou, no entanto, o essencial. O cais possui uma beleza natural rara, podendo vir a tornar-se um excelente espaço de lazer. Isso mesmo percebeu a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que vai salvar a margem, desenvolvendo até 2013 um projecto de requalificação, com espaços verdes e áreas lúdicas. O plano estende-se por toda a frente ribeirinha do concelho, valorizando as freguesias de Alhandra, Sobralinho, Alverca, Forte da Casa e Póvoa de Santa Iria.

CAPELA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

Junto à Estrada Nacional
(Castanheira do Ribatejo)

Colocada no centro das festividades em honra de São João Baptista, a pequena Capela de São João, junto à Estrada Nacional, foi construída em 1952, nos terrenos da Quinta com o mesmo nome, doados pela família Palha. Embora fazendo parte da capelinha, a imagem do santo, considerada muito valiosa, não ocupa lugar fixo, circulando de cá para lá, em viagens de ida e volta, até à Igreja Matriz de São Bartolomeu, onde termina a procissão, durante as festividades anuais de Junho.

A capela é a substituta actual da Ermida de São João Baptista, fundada em 1554 pelos Condes de Castanheira, que não resistiu ao tempo. O primitivo templo tinha por debaixo do adro uma nascente, que corria para um pequeno tanque onde o gado bebia, e o brasão dos Ataídes por cima da entrada.



FONTE DE SANTA CATARINA

Largo da Fonte
(Castanheira do Ribatejo)



Estrutura rectangular abobadada, com tanque lateral, a Fonte de Santa Catarina, no interior da vila de Castanheira do Ribatejo, é uma interessante peça do património local. A designação do monumento está intimamente associado ao nicho que ali existia, com a imagem de Santa Catarina, substituída mais tarde, em data desconhecida, pelo brasão da Família Ataíde, Senhores de Castanheira.

Recuperada e valorizada no início de 2001 pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, com o apoio da Junta de Freguesia de Castanheira do Ribatejo, que não descuraram a importância do espaço envolvente, a Fonte de Santa

Catarina é hoje um ponto de passagem obrigatório dos visitantes.

Jovem, bela e inteligente, originária de uma família nobre, Santa Catarina terá vivido em Alexandria (Egipto), no século IV. Os seus problemas surgiram aos 18 anos, quando fez constar que tinha sido transportada para o Céu, numa visão, onde casara com Jesus Cristo, convertendo-se ao cristianismo.

Irritado, o Imperador Maximiano mandou prendê-la e chamou 50 sábios para a fazerem mudar de ideias, mas – segundo a lenda – o resultado foi ao contrário e os sábios é que se converteram. Morreu decapitada, e do seu pescoço terá saído leite em vez de sangue.

IGREJA MATRIZ DE SÃO BARTOLOMEU

Largo de São José
(Castanheira do Ribatejo)

Mandada construir em 1534 pelo primeiro conde de Castanheira, D. António de Ataíde, a Igreja Matriz de São Bartolomeu, em Castanheira do Ribatejo, é considerada a melhor de todo o concelho de Vila Franca de Xira. A excelência da sua arquitectura, renascentista e maneirista, explica o elogio colectivo. O visitante é surpreendido logo à entrada com as colunas em forma de fustes estriados do pórtico principal, que ainda exhibe o brasão dos Ataídes.

Forado com azulejos enxaquetados quinhentistas e de padrão do século XVII, o templo, de uma só nave, recebe a luz solar através de janelões de fresta chanfrada, formando ogivas para o exterior. O pavimento, de pedra e mosaico, é formado por grandes lajes tumulares, com lápides identificadoras.

Antecedido de arco triunfal de volta perfeita, o altar-mor é decorado com retábulo de talha dourada, tendo ao centro um sacrário de grandes dimensões, que é uma perfeita jóia de arte. Os dois altares laterais, do século XVIII, possuem igualmente retábulos em talha, enquadrando um deles uma



tela evocativa dos arcanjos S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael. Há ali dois Cristos crucificados, um dos quais em chapa de cobre, recortada e pintada. E imagens de S. Sebastião, S. Pedro, Nossa Senhora e o Menino, e o orago, S. Bartolomeu. As quatro gárgulas em pedra, representando animais de forma



grotesca, deixam passar as águas pluviais que caem na cobertura. E a torre sineira é ornada por coruchéu, do estilo barroco tardio.

A capela-mor desta igreja, quase totalmente destruída pelo Terramoto de 1755, e reconstruída depois, é coberta por tecto de madeira pintada de três faces.

No lado do Evangelho está a pia baptismal, renascentista, a pia de água benta e o púlpito com base de cantaria. E do lado da Epístola, outra pia de água benta e um altar com retábulo e uma pintura alusiva à “Pesagem das Almas”.

MARCO DA VI LÉGUA

(Estrada Nacional 1, ao Km 29, Castanheira do Ribatejo)

Colocado na Estrada Real que ligava Lisboa a Santarém, na zona de Castanheira, em 1788, por ordem da rainha D. Maria I, o marco viário da VI Léguas é uma interessante peça barroca de arquitectura civil. A circunstância de ainda se encontrar no local para o qual foi concebido (actual Estrada Nacional 1), confere-lhe uma importância singular. Isso não acontece com nenhum dos outros onze marcos, que marcavam as distâncias entre Lisboa e Santarém, removidos que foram, todos eles, dos locais onde foram instalados. Em 1943 foi classificado como imóvel de interesse público.

Apesar de parcialmente ofuscado pelo que resta do muro da Quinta dos Fidalgos, construído muito mais tarde, assume posição dominante sobre a via pública, à face da estrada, de onde se destacam os dois degraus e a base cúbica. A esfera de pedra, colocada sobre a estrutura piramidal quadrada, tem esculpida na face um relógio de Sol com numeração romana.

A protecção conferida pela classificação de 1943 não evitou as agressões de que o monumento tem sido vítima.



A estrada que o fez nascer, onde já os romanos tinham construído um caminho, é a principal ameaça à sua existência. O perigo vem sobretudo da intensidade do tráfego e do alteamento do piso viário, que tem vindo a afundá-lo. A impossibilidade de se poder construir à sua volta uma zona de protecção física, o facto de estar ao ar livre, na via pública, potenciam a ameaça.

MONTE DOS CASTELINHOS

Vala do Carregado
(Castanheira do Ribatejo)



Pequeno mostuário de civilizações, o Monte dos Castelinhos, na colina sobranceira à Vala do Carregado, em Castanheira do Ribatejo, é uma verdadeira lição de História. Os vestígios encontrados naquele local, escolhido há milhares de anos por povos primitivos para a habitação, representam várias épocas. Desde logo o Calcolítico, período em que a ocupação se iniciou. Mas também as Idades do Ferro e do Bronze, o período da ocupação romana de Portugal e a época medieval. A certeza de que se tratou de um povoado fortificado é demonstrada pelos vários panos de muralha que ainda subsistem. Os povos que ali viveram deixaram múltiplos sinais da sua passagem. Entre os objectos encontrados nas escavações da estação arqueológica figuram pesos de tear e uma peça de mobiliário em bronze.

Mas não foram essas as únicas descobertas importantes. Outras houve, como uma luçena, tijolos de coluna e fragmentos de cerâmica doméstica. São provas importantes, sabendo-se, como hoje se sabe, que os objectos de cerâmica foram as primeiras manufacturas a que o homem se dedicou.

Um dos achados ali feitos mais interessante, não apenas para os arqueólogos e historiadores mas, também, para arquitectos, projectistas e cidadãos em geral, são as telhas romanas *tegulae*, fabricadas em barro. A sua importância decorre do facto de serem coberturas tão impermeáveis e duráveis que, ainda hoje, algumas delas cobrem telhados em Roma. A origem das coberturas com telhas cerâmicas é incerta, estando provavelmente relacionada com a descoberta acidental das propriedades que o tratamento pelo fogo confere às argilas. Os homens primitivos cobriam as cabanas, que os defendiam do tempo e dos animais, com materiais perecíveis (colmo, cascas de árvore, folhagens, peles de animais). Nos terrenos correspondentes ao actual Portugal foram os construtores do Império Romano que introduziram materiais cerâmicos, em especial as *tegulae*, no revestimento dos telhados.

QUINTA DAS AREIAS

Estrada Nacional 1
(Castanheira do Ribatejo)

Propriedade da Família Palha, cuja origem remonta ao século XII, a Quinta das Areias foi demarcada no século XIX por iniciativa de José Pereira Palha Blanco, em terrenos seus. A área, então designada Pátio das Areias, foi destinada às actividades agrícolas, altamente lucrativas na época, sobretudo, na região das lezírias.

Inicialmente, o Pátio das Areias era composto por um conjunto de construções simples e tradicionalistas, onde habitavam os senhores, os criados e os rendeiros. Dividia-se em três zonas: picadeiro, lagar, escritórios e zona habitacional com capela privativa, a sul; vacarias ao centro; e cavalariças e zona da criadagem e assalariados, a norte.

Só no início do século XX, o lavrador mandou construir na margem direito do Tejo, entre Vila Franca e o Carregado, de onde se avistavam as propriedades da família, a Casa Grande: um palácio ao estilo neogótico. E associadas a ele surgiram abegoarias, oficinas, hangares, arrecadações para máquinas agrícolas, lagares, celeiro, redondel e picadeiro. A grandiosidade não espan-



tará quem tiver em conta que, na época, grande parte do que não pertencia a Companhia das Lezírias pertencia à família Palha.

José Pereira Palha Blanco foi, de facto, um importante capitalista agrário, que marcou o seu tempo e a sua região. Filho único de António José Pereira Palha e da espanhola Laura Rodriguez Blanco, nascido a 14 de Janeiro de 1854, este homem apaixonado pela terra, dedicou-se inteiramente ao progresso e desenvolvimento da agricultura.

Espírito aberto à investigação e à experimentação, não hesitou em adquirir alguns dos primeiros tractores que chegaram a Portugal.



PARTE II

PATRIMÓNIO DE VILA FRANCA DE XIRA



DAQUI PARTIU A ESPERANÇA...

A fabulosa viagem em que Bartolomeu Dias venceu o *mostrego* do Golfo da Guiné e forçou a passagem para o Índico, iniciou-se aqui, no porto de Vila Franca de Xira, em Agosto de 1487. E a coragem do homem do leme, que transformou a tormenta em esperança, parece ter moldado o carácter deste povo, que pega a vida de caras.

Os vestígios mais antigos da presença humana no território são, porém, bem mais antigos. Os objectos encontrados no Vale da Ribeira de Santa Sofia datam de finais da Idade do Bronze. Muito mais tarde, nos séculos I e II, o local foi palco da romanização. Em Povos, no local da Escola Velha, existiu uma *villa* romana, onde foram encontrados ossos humanos, cerâmica comum e de construção e um fundo de ânfora. Abandonada no início do século V, a avaliar pelas moedas encontradas, a *Villa* deu lugar no século XVI a um cemitério. Num outro local, o Casal da Boiça, foi descoberta outra *Villa*, com vestígios da época imperial, o mais importante dos quais é um denário de prata. Ali, os arqueólogos identificaram, na cerâmica que jazia entre telhas e tijolos romanos, sinais evidentes de trocas comerciais com o Norte de África, Conquistada aos árabes em finais do século XII, Vila Franca foi

igualmente habitada na Idade Média. No Mouchão do Lombo do Tejo foram encontrados cinco barris e duas painelas de cerâmica, uma bilha de quatro asas e uma painela, com cronologias das épocas medievais islâmica e moderna.

Povos recebeu o primeiro foral logo em 1195, e o foral definitivo em 1510, doado por D. Manuel I. No sítio arqueológico Serpa Pinto, na malha urbana, detectaram-se sinais de um edifício do século XV. E há vestígios, em fachadas de prédios, cerâmica e azulejos, do século XVIII.

Terra de muitas Quintas, Vila Franca foi residência de figuras ilustres, como os Marqueses de Abrantes e o Visconde de Assua. A Quinta do Paraíso, onde hoje funciona o infantário do Instituto Piaget, foi residência de Afonso de Albuquerque, embora hoje nada reste da época do vice-rei da Índia.

Da fortificação militar de A-dos-Loucos, que fez parte do sistema defensivo das Linhas de Torres, subsistem vestígios das trincheiras e restos de habitações e cerâmica.

Sede permanente da Confederação Mundial das Cidades Taurinas e Capital das Vilas Francas da Europa, a urbe quer continuar a ser, hoje como ontem, a cidade da Boa Esperança.



AZULEJOS DE VILA FRANCA

Diversos locais da cidade
(Vila Franca de Xira)

Os azulejos são dos elementos patrimoniais mais interessantes de Vila Franca de Xira. Arte pública por excelência, passível de ser apreciada sem restrições, estão na maioria dos casos na rua, em numerosos pontos da cidade. As peças mais antigas são as que decoram a Casa Galache e as mais vezes vistas as que se oferecem aos olhos de todos nas paredes da estação de caminhos-de-ferro e na fachada do Mercado Municipal. E não são só esses os painéis públicos de que a cidade se pode orgulhar. Há azulejos de grande qualidade nas ruas Cândido dos Reis, Miguel Bombarda e João de Deus. Na casa onde nasceu João Diogo Vilaverde, na Rua Serpa Pinto, há um original conjunto de azulejos em homenagem a este homem, falecido prematuramente em 2005, que foi peão de brega da Casa Ribeiro Telles, forçado

dos Amadores de Vila Franca de Xira, bandarilheiro, ganadeiro e apoderado.

Os azulejos surgiram pela primeira vez em Portugal no século XV, trazidos pelos mouros, alguns dos quais permaneceram no país após a Reconquista Cristã. A arte e o estilo manuelino assimilaram-nos e integraram-nos, fazendo-os surgir nos edifícios nobres e religiosos de Lisboa e arredores. Até ao século XVI, por serem ainda caros, eram aplicados sobretudo nos interiores, onde ficavam mais protegidos.

Associados definitivamente à cerâmica ornamental, e produzidos em escala, passam depois aos alpendres, claustros e pátios, e, finalmente, aos exteriores. Os melhores exemplares começam a ser feitos em Portugal pela Fábrica de Louças do Rato e depois, já no século XIX, por Rafael Bordalo Pinheiro.





CASA GALACHE

Rua Dr. Miguel Bombarda, 27
(Vila Franca de Xira)



Hoje a funcionar como Lar de Idosos, a Casa Galache possui os azulejos mais antigos da arte pública de Vila Franca de Xira, produzidos no século XVIII. Localizados no pátio interior desta casa senhorial, destacam-se nestes azulejos setecentistas os painéis com a representação alegórica dos quatro antigos Continentes (Europa, África, Ásia e América).

Surgido nesta altura, o chamado “azulejo historiado”, que narra histórias ou episódios, começa a substituir as grandes tapeçarias interiores e as fachadas, terraços e escadas, como aqui acontece. Além dos azulejos que revestem a fachada sobre o pátio, outros há com grandes motivos ornamentais.



ESTAÇÃO DE CAMINHOS-DE-FERRO



Os painéis de azulejos da estação dos caminhos-de-ferro de Vila Franca de Xira são da autoria do pintor, desenhador e caricaturista Jorge Colaço, o grande mestre português da arte azulejar do século XX. É ele o autor de outros azulejos famosos, como os que decoram a Casa do Alentejo, o Pavilhão Carlos Lopes e a Academia Militar, em Lisboa, e a Estação de São Bento, no Porto; e também o Palácio de Windsor e a Sociedade das

Nações, em Genebra. Inaugurados em Abril de 1930, os painéis da estação de Vila Franca de Xira mostram cenas da vida quotidiana nos campos e no rio, retratando as vindimas, a lavoura e os barcos nas águas do Tejo, e episódios históricos.

O troço ferroviário onde se situa a estação, que ligava inicialmente Lisboa à Vala do Carregado, funciona desde Outubro de 1856.



MERCADO MUNICIPAL

A lezíria ribatejana, com os seus toiros e campinos, é a grande protagonista dos azulejos do Mercado Municipal de Vila Franca de Xira, que recriam, nas quatro entradas do edifício, representações das quatro estações do ano. Concebidos por artistas famosos pelas suas criações para a extinta Fábrica de Loijas de Sacavém, como Álvaro Pedro Gomes e António Castro Mourinho, os painéis mostram também cenas da vida dos avieiros e das varinas, enaltecendo actividades e profissões da região.

As peças, produzidas em Sacavém, foram ali colocadas entre 1929 e 1933. Por iniciativa da Câmara Municipal, muitos destes azulejos foram submetidos a operações de limpeza e restauro já no século XXI, pelo Instituto Politécnico de Tomar, em colaboração com a fábrica Aleluia, especializada neste tipo de trabalhos.

O mercado foi inaugurado no dia 28 de Maio de 1929, assinalando o 3º aniversário do Golpe Militar que instaurou a ditadura do Estado Novo.



CELEIRO DA PATRIARCAL

Rua Luís de Camões, 130
(Vila Franca de Xira)



Exemplo de arquitectura chã, rectangular, de linhas sóbrias, com pátio de entrada e edifício anexo, o edifício do Celeiro da Patriarcal, na cidade de Vila Franca de Xira, é uma construção de meados do século XVIII. O projecto foi encomendado pela Igreja Patriarcal de Lisboa, seu proprietário inicial – o que explica a denominação – ao engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria, mais conhecido no Brasil do que em Portugal, pela intensa actividade que desenvolveu na colónia, na época do Marquês de Pombal.

Dotado de um só piso, o Celeiro da Patriarcal possui na fachada principal um frontão

triangular com medalhão oval em cantaria, emoldurando o portal de entrada uma porta de madeira almofadada. O pano de muro é revestido, as janelas de peito são de guilhotina, com malheiro em ferro forjado, e o interior possui três naves, com cobertura em abóbada de berço.

ESPAÇO DE EXCELÊNCIA PARA EXPOSIÇÕES



O Celeiro da Patriarcal é o espaço onde a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira realiza as suas mais importantes exposições temáticas. Já por lá passaram artistas de praticamente todas as disciplinas, da “Cartoon Xira” à Bienal de Fotografia, passando pelas artes plásticas, presépios, cerâ-

mica ou automóveis antigos. O imóvel pertence há muitos anos à Companhia das Lezírias, que o cede ao município para a organização de muitas das actividades culturais. Em contrapartida, a autarquia mandou recuperar a cobertura e assegura continuamente a sua preservação.

CHAFARIZ DO ALEGRETE

Largo Carlos Pato
(Vila Franca de Xira)



O interessante Chafariz do Alegrete, do século XVIII, que se pode apreciar em Vila Franca de Xira, classificado como património protegido, não corresponde exactamente à construção original. O primeiro chafariz, edificado em 1797, durante a Regência de D. João VI, e por isso decorado desde logo com as armas reais, acabou por ser desmantelado. Foi mais tarde montado no Largo do Cerrado, onde ainda hoje se encontra, que entretanto mudou de nome, passando a chamar-se Largo Carlos Pato.

Colocado à disposição da população, que ali se abastecia de água potável para o consumo diário, o fontanário dispunha de um bebedouro, onde os cavalos saciavam a sede. Ali bem perto, no interior de um pátio, montou por isso mesmo

um ferrador uma oficina, onde o trabalho não faltava.

Na primeira metade do século XX, segundo os relatos populares, passados de umas gerações às outras, o chafariz marcava a divisão em dois da urbe, separando os varinos dos naturais da terra, e por vezes havia zaragatas.

Em 1910, é destruída a coroa real deste chafariz: “Sobre o escudo nacional do chafariz do Alegrete via-se a coroa real, artisticamente executada na pedra, símbolo da soberania que provém da primeira hora da fundação da Nacionalidade por El-Rei D. Afonso Henriques (...) A que figurava sobre o escudo do chafariz do Alegrete foi partida à martelada!” in *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 763/765, 3 de Outubro de 1937, Vol. 1936-1938.

CHAFARIZ DE POVOS

(Povos, Vila Franca de Xira)

Mandado construir com blocos de bela pedra lioz, no século XVI, pela Congregação de S. Filipe de Nery, fundada por Santo António de Lisboa, o Chafariz de Povos, na extremidade sul da vila, é uma típica edificação maneirista. Os condes de Castanheira do Ribatejo, senhores todos poderosos de Povos, assumiram-no mais tarde como seu, mandado colocar nele, em lugar de destaque, o brasão da família. Aproveitaram para isso o grande nicho, coroado por pirâmides, formado pela construção de cantaria. O monumento, constituído por bica e tanque, foi mandado recuperar já no século XXI pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira com o apoio da Junta de Freguesia respectiva.



ERMIDA DA NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Lezíria do Tejo
(Vila Franca de Xira)

Envolta igualmente em lenda, a Ermida de Nossa Senhora da Esperança, na lezíria, hoje em ruínas, conta a história do salvamento do rei D. Manuel I, que se livrou de morrer afogado no Tejo, num barco que naufragou numa tempestade, ao invocar a intercepção da Virgem. O templo foi mandado construir em 1530 por seu filho, D. João III (o monarca que permitiu a introdução da Inquisição em Portugal), que disse cumprir uma promessa feita pelo pai.

Contemporânea da Ermida de Alcamé, de que é uma réplica

pobre, e também na lezíria, resistem as ruínas da Ermida de São José. Edificada no século XVIII, em terrenos pertencentes à Igreja, tem uma fachada bastante mais sóbria do que a de Alcamé. A ordem para a construção foi dada, também neste caso, pelo Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, deputado da Inquisição de Lisboa e da Mesa da Consciência e Ordens de D. João III.



ERMIDA DA SENHORA DE ALCAMÉ

Lezíria Grande do Tejo
(Vila Franca de Xira)

Evocando o milagre da Virgem de Alcamé, adoptada como padroeira pelos campinos, a Ermida de Nossa Senhora de Alcamé, na Lezíria Grande do Tejo, é um edifício monumental, de arquitectura chã, em bom estado de conservação. O suposto milagre é a história de um campino, salvo no derradeiro instante da mordedura fatal de uma serpente, ao invocar a Virgem Imaculada. A intervenção divina surgiu sob a forma de uma maçã, colocada entre os dentes da cobra venenosa, que a impediu de desferir a dentada mortal.

O templo, de uma só nave, foi mandado erguer em 1746 pelo 1º Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida. A circunstância de ter sido encontrado um desenho da fachada da ermida com a assinatura do arquitecto José Manuel de Carvalho e Negreiros, filho de Eugénio dos Santos, o homem que projectou a reconstrução da Baixa lisboeta, após o Terramoto de 1755, fomentou o equívoco, insistentemente escrito e repetido, de ter sido ele o autor da obra, mas isso não é possível: Eugénio dos Santos só casou em 1747 e José Manuel de Carvalho e Negreiros só nasceu em 1752.



O desconhecido projectista mandou que se construísse o templo acima do nível do chão, sobre uma plataforma de pedra, para defender o seu interior das inevitáveis inundações. E concebeu a torre com o sino grande, para se ouvir em toda a lezíria. O culto foi inicialmente instituído em honra da Nossa Senhora da Conceição, por decisão da Igreja, mas o povo mudou-lhe o nome e a veneração, para Nossa Senhora de Alcamé.

A imagem original da santa, do século XVIII, foi roubada por desconhecidos em 1999, tendo ainda os ladroes destruído o retábulo, hoje substituído por uma fotografia.



PRECES PELA ABUNDÂNCIA

Os campinos e os habitantes da Lezíria nutrem grande devoção pela Nossa Senhora de Alcamé, orago da Ermida, a cuja imagem prestam continuado culto. As celebrações da devoção, que estiveram interrompidas durante 25 anos, regressaram no Verão de 2002, por interferência directa da autarquia, na celebração das Festas da Cidade.

Apesar da invocação de Alcamé, a Ermida consagra Nossa Senhora da Conceição, a quem foi dedicado o retábulo-mor do templo, porventura o seu objecto mais valioso, vandalizado por desconhecidos em Agosto de 1999.

A denominação Alcamé deriva do árabe *Al-Khameh*, que significaria sítio da abundância de grão. A Lezíria do Tejo sempre constituiu, no período da ocupação árabe, que antecedeu a Independência de Portugal, como agora, uma das mais importantes regiões do país do ponto de vista agrícola. Eram os grãos de milho, que os solos abundantemente produziam, o que mais encantava os árabes que baptizaram o lugar.



MONUMENTO DE HOMENAGEM À VARINA

Paralela à Rua Luís de Camões
(Vila Franca de Xira)



A Varina, figura típica da borda de água, é homenageada com uma estátua do escultor ribatejano Rui Fernandes, com a canastra aos pés, colocada em plena rua, na artéria paralela à Rua Luís de Camões. Mulher e companheira de trabalho dos pescadores dos barcos de varar, que tinham trocado Ovar por Vila Franca de Xira, a varina vendia peixe a retalho, para

obter dinheiro para as despesas da casa. Deslocando-se com a inseparável canastra de verga à cabeça, pegava no peixe que sobrava da faina ou que era dado como forma de pagamento pelos patrões e ia rua fora, apregoando. Vendiam as espécies que tinham sido apanhadas quando subiam o Tejo para desovar, com destaque para as enguias.

MONUMENTO DE HOMENAGEM AO TOUREIRO

Largo da Estação de Caminhos-de-ferro
(Vila Franca de Xira)



No largo fronteiro à estação de caminhos-de-ferro de Vila Franca de Xira, evoca-se o toureiro a pé, protagonista da sempre renovada “dança colorida e emocionante entre o homem e o touro”, no dizer do crítico tauromáquico Maurício do Vale. A homenagem a esta figura central da Festa Brava, inscrita na cultura por homens como Picasso, Dali, Hemingway, Orson Wells ou

Vitorino Nemésio, testemunha a importância que a cultura tauromáquica assume para a população vila-franquense. A pequena estátua, contemporânea, não está associada a ninguém em particular, mas é impossível não pensar nos matadores de Vila Franca José Falcão, colhido mortalmente no Verão de 1974, ou Mário Coelho.

FONTE DE SANTA SOFIA

Estrada de Santa Sofia
(Vila Franca de Xira)



Construída em 1658, à entrada de Santa Sofia, no limite oeste da cidade de Vila Franca de Xira, a Fonte de Santa Sofia é um interessante exemplar do século XVII. A encruzilhada de caminhos que converge no local, bastante movimentado, decorrente da proximidade de uma capela muito antiga (hoje inexistente) dedicada à santa, terão justificado a cons-

trução do fontanário público. Uma inscrição em mármore, lá colocada, faz alusão a um tal D. Jerónimo Henrique, seu fundador, mas pouco mais se sabe sobre a construção. Muito perto daqui, junto ao lugar do Casal da Coxa, encontra-se o Miradouro da Boavista, de onde se avista o Vale de Santa Sofia e a ponte sobre o Tejo.

GRUTA DA PEDRA FURADA

Entre o Alto da Pedra Furada e o Monte Gordo.
(Vila Franca de Xira)



No conjunto de grutas naturais descobertas no Alto da Pedra Furada, parcialmente destruídas já pelo conjunto de pedreiras do Monte Gordo, foram encontrados em 1955 sinais de ocupação no período Calcolítico. Segundo os arqueólogos (AAVV, 2007: 85) deverá provir daqui a estatueta de um roedor ali encontrada. A histórica escavação arqueológica foi realizada por uma equipa dirigida por Hipólito Cabaço, o grande pioneiro da arqueologia portuguesa. Aí identificou o mestre um espaço funerário colectivo e recolheu diversos objectos: furadores de osso; contas de cerâmica, xisto e pedra verde; lâminas de sílex com e sem

retoque; e recipientes de cerâmica com decoração campiforme pontilhada ao estilo de Palmela; micrólitos triangulares e pontas de base convexa e bicôncava em sílex, um machado de pedra, polido e com secção subcircular; e uma estatueta em osso, que se presume ser a do roedor. Estes materiais estão hoje todos à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

O estudo dos objectos encontrados confirma a ideia de que os primeiros habitantes do território de Vila Franca de Xira escolheram aquele local, e nele as grutas naturais, como cemitério colectivo onde enterrar os seus mortos.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

Largo da Misericórdia
(Vila Franca de Xira)



Reconstruída e beneficiada nos séculos XVII e XVIII, a partir da primitiva Igreja do Espírito Santo, a sua construção, a par remonta pelo menos ao século XVI. Na segunda metade da década de 20, do século XX, beneficiou de importantes obras de restauro, realizadas com dinheiro obtido numa subscrição pública, por iniciativa de um grupo de cidadãos.

Os seus três principais motivos de interesse são os altares de talha; os painéis de azulejos, de 1760, alusivos às 14 Obras de Misericórdia; e cinco pinturas a óleo, sobre tela, com cenas da vida de Jesus Cristo. Templo de uma só nave, coberta por tecto de madeira, possui três altares de talha dourada no presbitério;

a capela-mor, a que se acede através de um arco triunfal de volta perfeita, onde se podem apreciar azulejos com cenas da Visitação e de Nossa Senhora da Misericórdia; uma capela dedicada ao Senhor dos Passos; um retábulo de talha dourada, enquadrado por colunas salomónicas, sacristia e coro-alto.

A igreja possui ainda um museu de Arte Sacra, localizado na antiga Casa de Despacho da Misericórdia, de acesso muito condicionado, com um acervo religioso de cariz regional. Fundada no século XVI, a Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, que exerce jurisdição sobre a coleção, presta apoio social domiciliário e em lares da Terceira Idade.

IGREJA DO MÁRTIR SANTO SÃO SEBASTIÃO

Rua Dr. Miguel Bombarda

Vila Franca de Xira

Fechada ao culto há mais de duas décadas e adaptada posteriormente a núcleo museológico de Arte Sacra do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, a Igreja do Mártir Santo São Sebastião é um exemplo de arquitectura maneirista. Mandada construir em 1576 por D. Sebastião, no rescaldo da Peste Grande de 1569, foi destruída pelo Terramoto de 1755, e reconstruída depois, com adulteração da traça original.

A igreja acolheu actividades culturais até ao século XIX, mas degradou-se, e estava à beira da ruína em 1990, quando foi tomada a decisão de a salvar, classificando-a como imóvel de valor concelhio. Durante as obras de recuperação foram encontradas as ossadas humanas e, também, centenas de pedaços de cerâmica, moedas e estruturas em pedra, de duas ocupações anteriores a 1576. Descoberta foi ainda uma conduta de água, que se presume ter feito parte do terceiro aqueduto pombalino da região de Lisboa.

Templo de uma só nave, com tectos de madeira, a Igreja do Mártir Santo tem vários motivos de interesse. O coro-alto é apoiado em duas colunas de



mármore, com guarda de madeira, e o púlpito é quadrangular. No altar-mor possui um retábulo de talha dourada e policromada, com a imagem de S. Sebastião ao centro, ladeado de Santo António e Santa Luzia. No exterior destaca-se ainda uma fonte constituída por tanque moderno, semi-circular, sobre o qual está colocada uma estela calcária, com a representação das armas de Portugal encimada pela coroa real, ladeada por uma esfera armilar e um castelo.

IGREJA MATRIZ DE SÃO VICENTE MÁRTIR

Largo Conde de Ferreira
(Vila Franca de Xira)



Antiga igreja da Ordem Terceira de São Francisco, a Igreja Matriz de São Vicente Mártir, em Vila Franca de Xira, foi fundada em 1667, mas sofreu várias alterações que a descaracterizaram parcialmente. A primeira mudança de perfil ocorreu na reconstrução que se seguiu ao Terramoto de 1755, que a deitou abaixo. Voltou a ser reconstruída no início do século XX e alterada na década de 70.

Situado nas proximidades da Casa-Museu Mário Coelho, o templo adquiriu as funções de Igreja Paroquial logo após a primeira reconstrução, em substituição da Igreja Medieval de São Vicente, que não foi possível salvar.

Possui, apesar de tudo, a chamada Capela do Concílio, de arquitectura barroca, com tecto de caixotão pintado, arte sa-

cra e azulejos oitocentistas. As Capelas de Concílio assumem grande importância na vida interna da Igreja Católica, associadas que estão a reuniões de assembleias deliberativas internas. Não é por isso de estranhar que esta capela tenha acesso condicionado.

Diácono da Igreja católica de Saragoça no século IV, quando os romanos ocupavam a Península Ibérica, S. Vicente foi perseguido pelo Imperador Diocleciano e torturado até à morte, no ano 325. Lançado em campo aberto, para que as aves de rapina o devorassem, o cadáver foi protegido por um corvo, que afugentou os predadores. Metido depois num saco e lançado ao mar, o corpo foi resgatado por cristãos, que o sepultaram numa capela perto de Valência. Dali foi levado para a Abadia de Castes, em França, e depois trazido para a Sé de Lisboa, onde está sepultado.

Padroeiro de Lisboa e dos vinhateiros é habitualmente representado com as vestes de diácono, uma nau e dois corvos.

Aqui, na igreja paroquial de Vila Franca de Xira, realiza-se todos os anos, no início de Julho, a missa *rociera* que marca o arranque dos três dias de festa do Colete Encarnado.

MONTE DO SENHOR DA BOA MORTE

Morro sobranceiro a Povos.
(Vila Franca de Xira)



O Monte do Senhor da Boa Morte, no alto do morro sobranceiro a Povos, é um dos mais importantes conjuntos patrimoniais, do ponto de vista histórico, de Vila Franca de Xira. Ali se localizam vestígio de habitações islâmicas, uma necrópole medieval, um santuário com capela quinhentista e as ruínas do solar dos condes de Castanheira do Ribatejo.

O local, um miradouro natural de onde se avista o Tejo e as lezírias, em tempos ocupado pelo Castelo de Povos, tornou-se sobretudo importante na Idade Média, quando foi fortificado e dotado de estruturas defensivas.

As muralhas muçulmanas construídas no Monte do Senhor da Boa Morte, testemunham a ocupação do local no período islâmico. Das habitações, em taipa, que as muralhas protegiam, já só foram encontrados vestígios. Os arqueólogos pensam tratar-se das primeiras estruturas defensivas muçulmanas erguidas a Norte do Tejo. A cúpula do fontanário que abastecia a população, a Fonte Moura, na denominada Cova da Camela, no sopé do monte, não deixa dúvidas quanto à época.

CEMITÉRIO MEDIEVAL

Estrada do Senhor da Boa Morte
(Vila Franca de Xira)



A Carta de Foral atribuída por D. Sancho I aos moradores do Castelo de Povos, em 1195, contém a referência mais antiga ao local. Da fortificação, construída no alto, já depois da Reconquista Cristã, já só existe a linha de muralha. Ali

perto foram descobertas dezasseis sepulturas rupestres tardias, escavadas na rocha e cobertas por terra e pedras. Datam do período medieval cristão (séc. XII, provavelmente) e são todas de adultos.

ERMIDA DO SENHOR DA BOA MORTE

No mesmo perímetro, no espaço antes ocupado pela Igreja Matriz de Povos, surge a Ermida do Senhor da Boa Morte, que dá nome ao lugar. O templo, de inspiração moçárabe, apesar da simplicidade, é um santuário de grande devoção popular. Ali se destaca a capela quinhentista, erguida em louvor do Senhor Morto, de arco gótico, e os azulejos do século XVII, onde se destacam figuras humanas.

Local tradicional de peregrinação na Quinta-feira de Ascensão, feriado municipal, a capela é revestida no interior

a azulejos do século XVII, com motivos geométricos e figuras humanas nuas. A festa faz-se ali há mais de duzentos anos. Reconstruída várias vezes, a igreja, de uma só nave, evocava inicialmente Santa Maria de Povos, mas passou a consagrar, há já muito tempo, o Senhor Jesus da Boa Morte.

A nascente da Ermida estão as ruínas do solar dos Ataídes, Condes da Castanheira e Senhores de Povos, um casarão construído no século XVI e alterado sucessivamente nos séculos XVII e XVIII.





CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO

Lugar da Loja Nova
(Vila Franca de Xira)

No local onde originalmente existiu uma ermida com o orago de Santo António de Vila Franca, o Convento de Santo António foi fundado em 1402, por frades franciscanos, por doação de Domingos Simões, proprietário da vizinha Quinta da Fonte do Bispo. Este conjunto edificado, conhecido como Convento de Santo António de Castanheira, que ainda hoje resiste ao tempo, no lugar da Loja Nova, foi várias vezes alterado, até adquirir o aspecto que hoje tem. As obras de ampliação, no decorrer das quais foram anexados outros edifícios, prolongaram-se até à 2ª metade do século XVII, para acolher a Ordem dos Frades Menores, uma congregação masculina de franciscanos. Foi então dotado de claustro e de uma zona residencial destinada aos penitentes religiosos.

Propriedade particular, o conjunto tornou-se famoso na zona por acolher a capela sepulcral da família Ataíde, em estilo renascentista, mandada construir pelos fidalgos.

Os Frades Franciscanos Menores surgiram em Itália, em 1209, por iniciativa de um jovem burguês libertino, filho de abastados comerciantes,



que decidiu tornar-se o contrário do que tinha sido, fazendo voto de pobreza, castidade e obediência. Ficou conhecido na História como São Francisco de Assis.

Os primeiros seguidores do religioso italiano, Frei Gualter e Frei Zacarias, também eles italianos, chegaram a Portugal logo em 1214, instalando-se o primeiro em Guimarães e o segundo em Alenquer. Zacarias fundaria três anos depois em Lisboa o Convento de S. Francisco, que já não existe.

A MARCA DOS CONDES DE CASTANHEIRA



Para além de Igreja, o Convento de Santo António de Castanheira do Ribatejo possui uma capela sepulcral renascentista, mandada construir pelos Condes da Castanheira, que se tornaram seus proprietários. No perímetro do templo não se encontram apenas os túmulos destinados aos Ataídes, existindo também outras campas, por exemplo, de monges.

Os condes de Castanheira tiveram uma acção mecenática muito expressiva em Povos e na Castanheira: a eles se deve a construção do chafariz de Povos, do solar do Monte do

Senhor da Boa Morte, da Igreja Matriz de Castanheira (São Bartolomeu), da já desaparecida Misericórdia de Castanheira e do Hospital do Espírito Santo. Propriedade particular, com sinais de degradação, o Convento de Santo António, que no século XIX chegou a ser denominado Convento de Santo António de Farrobo, foi o único da zona a resistir ao tempo. Hoje, está classificado como Imóvel de Interesse Público. A circunstância de ser privado, impõe a necessidade de autorização prévia para ser visitado.

MONUMENTO DE HOMENAGEM A ALVES REDOL

Praceta do Edifício Alves Redol
(Vila Franca de Xira)

Criado por mestre Lagoa Henriques, o autor do Fernando Pessoa da esplanada da Brasileira do Chiado, a estátua nua de Alves Redol, frente ao edifício com o seu nome em Vila Franca de Xira, é a mais polémica peça escultórica da cidade. O escultor concebeu o escritor a olhar o horizonte, como se fosse o mar, sentado sobre pedras que configuram rochas, mas não é isso que divide as opiniões. A polémica decorre do facto de Redol se apresentar nu, só com a boina basca na cabeça e um livro sobre a perna esquerda.

A família de Redol, a quem Lagoa Henriques mostrou dois esboços, para que pudessem escolher um e participar da decisão, votou naquela solução. O escultor, entretanto falecido, que conheceu Redol de perto, terá considerado na altura que a obra simboliza a sua força e desprendimento material.

O monumento foi custeado pela empresa de construção civil Plana SA e integrado no projecto de construção de um prédio de sete pisos, com apartamentos e garagens, no centro da cidade – o Edifício Alves Redol – em jeito de homenagem. Na remoção de terras que antecedeu a obra,



veio à superfície parte de um edifício do século XIX e níveis arqueológicos do século XVIII, posteriores ao Terramoto de 1755. As cerâmicas, faianças, azulejos e vidros desenterrados foram confiados à guarda do Museu Municipal.

MONUMENTO DE HOMENAGEM AO CAMPINO

Largo Rodrigo César Pereira
(Vila Franca de Xira)



O Monumento de homenagem aos Campinos de Vila Franca de Xira, onde não faltam o cavalo e o touro, companheiros inseparáveis de toda uma vida, que se ergue no Largo Rodrigo César Pereira, junto à Rua Luís de Camões, foi inaugurado no dia 10 de Julho de 1982, para assinalar uma data histórica, de grande importância local: o 50.º aniversário da Festa do Colete Encarnado. A escultura, da autoria de

Domingos Soares Branco e António Trindade, (inspirada na escultura em Bronze de Delfim Maya, exposta no Museu Municipal de Vila Franca de Xira) foi colocada no pequeno jardim do Largo Rodrigo César Pereira, bem no centro da cidade, onde outrora existiu a Fonte das Três Bicas. O Monumento ao Campino foi o primeiro a ser erguido em Vila Franca de Xira.

MONUMENTO DE HOMENAGEM AO FORCADO

Largo junto à Praça de Toiros
(Vila Franca de Xira)

No ano em que o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, constituído a 8 de Outubro de 1932, celebrou o seu 75.º aniversário, foi inaugurado, no Largo de entrada no parque urbano da cidade de Vila Franca de Xira, junto à Praça de Toiros Palha Blanco, o Monumento ao Forcado.

A obra hiper-realista, em bronze, do escultor Franco de Sousa, mostra uma pega de caras. É uma escultura imponente, de grandes dimensões e cheia de movimento, que teve de ser montada numa fundição de Madrid, por não haver em Portugal lugar adequado para o fazer. O toiro

tem quatro metros de comprimento e mais de três metros de altura, e o forcado da cara e o primeiro ajuda têm mais de dois metros.

A base ladeada em pedra do monumento, que foi oferecido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, reproduz a arena, com terra retirada da Palha Blanco.

No cemitério de Vila Franca existe um outro memorial: o Mausoléu de homenagem ao forcado Ricardo Silva “Pitó”, que morreu numa pega na Praça de Toiros de Arruda dos Vinhos, em Agosto de 2002. O monumento fúnebre é da autoria do escultor Rui Fernandes.



PALÁCIO DO FARROBO

junto à estrada para Cachoeiras

- Vila Franca de Xira -



Propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, classificado como imóvel de interesse municipal, o Palácio do Farrobo, nos limites de Vila Franca de Xira, encontra-se em adiantado estado de ruína. Foi mandado construir em 1835 pelo Conde de Farrobo, Joaquim Pedro Quintela, na quinta com o mesmo nome, herdada de seu pai, o Barão de Quintela. O projecto é do arquitecto de origem italiana Fortunato Lodi, autor do Teatro Nacional D. Maria II. Possuía no seu interior um pequeno teatro, hoje praticamente imperceptível, que era uma réplica do São Carlos.

Como todos os palácios da época, possui uma capela. Uma das paredes da sala de jantar foi decorada com uma cena de vindimas, pintada por

António Manuel da Fonseca, um dos artistas que o conde protegeu e mandou estudar em Itália.

Depois da morte de Joaquim Pedro Quintela, em 1869, a Quinta foi vendida em hasta pública, para pagar dívidas. A sua conservação manteve-se em relativo bom estado até à década de 70, altura em que foi doado à Caritas, mas o 25 de Abril revelou-se-lhe fatal. Abandonado, foi saqueado várias vezes, entrando em degradação acelerada.

No Verão de 2009, o arquitecto vilafranquense David Carvalho fez do estudo da recuperação da Quinta o objecto da sua tese de mestrado, propondo a sua transformação num Lar da Terceira Idade, mas o projecto ainda não teve continuidade.

O MILIONÁRIO DE LISBOA

Herdeiro da grandiosa fortuna de seu pai, o comerciante capitalista que D. Maria I elevou à condição de barão, Joaquim Pedro Quintela foi um dos principais aquisidores de bens públicos. Fundou a Fábrica de Produtos Químicos da Verdelha em Alverca do Ribatejo e a Fábrica de Fiação de Sedas do Convento de Santo António em Vila Franca de Xira.

Nascido em Lisboa em 1801, casou com uma filha de Francisco António Lodi, o primeiro empresário do Real Teatro de São Carlos, que passou a gerir também. Apoiante de D. Pedro IV, após a vitória liberal recebeu dele, como recompensa, o título de Conde do Farrobo. Além do Palácio de Vila Franca de Xira, possuía outro, mais sumptuoso ainda, nas Laranjeiras, em Lisboa, onde hoje existe o Jardim Zoológico, que possuía uma Ópera privada onde actuavam companhias italianas.

Verdadeiro coleccionador de títulos, que o dinheiro comprava facilmente, foi, além de Conde de Farrobo e Barão de Quintela, Senhor de Prestimo, Alcaide-mor de Sortelha, Fidalgo Cavaleiro



da Casa Real, Par do Reino, Comendador das ordens de Cristo, Santiago de Espada e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Para além disso foi deputado às Cortes pela Estremadura e senador por Lamego e Leiria.

Casado uma segunda vez e pai de dez filhos, ganhou e gastou fortunas em artes cénicas, música e arte, acabando falido. Quando morreu, em 1869, aquele que terá sido o homem mais rico de Portugal do seu tempo, estava cheio de dívidas. A ponto de os seus palácios terem sido vendidos em hasta pública, logo após a sua morte.

PELOURINHO DE POVOS

Largo da Força
(Povos, Vila Franca de Xira)

Único pelourinho do concelho de Vila Franca de Xira que não foi removido do seu local de instalação inicial, o Pelourinho de Povos, que se encontra no Largo da Força, frente à antiga Casa da Câmara, é uma bela peça do estilo manuelino. Foi colocado no ponto de confluência da estrada real com a rua que dava acesso à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Povos, no centro da povoação, onde ainda se encontra.

Povos recebeu espontaneamente o nome em 1147, ao tornar-se local de acolhimento de diversos cruzados, de várias nações, que aqui se fixaram, depois de terem ajudado D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos mouros. Aqui morreu de estúpido acidente, em Janeiro de 1577, D. Lopo de Sousa Coutinho, militar e escritor, pai de Frei Luís de Sousa, que caiu sobre a espada ao appear-se do cavalo.

O monumento, de arquitectura civil judicial, classificado como Imóvel de Interesse Público, assenta numa base de três degraus, com oito faces. A clássica coluna cilíndrica, com arestas salientes en-



roladas em hélice, é decorada até meio por rosetas e um nó de dois anéis sobrepostos, a imitar corda. E no capitel ostenta as três pedras de armas dos Condes de Castanheira do Ribatejo e uma cabeça em relevo.

PELOURINHO DE VILA FRANCA DE XIRA

Praça Afonso de Albuquerque
(Vila Franca de Xira)

Único elemento do património do concelho classificado como imóvel de interesse nacional, o Pelourinho de Vila Franca de Xira, que se encontra no ponto mais emblemático da cidade, a meio da Praça Afonso de Albuquerque, frente à Câmara Municipal, é uma bela peça barroca. Edificado depois da reconfirmação do foral por D. Manuel I, em 1510, em louvor da autonomia e da justiça, foi várias vezes derrubado e danificado, reconstruído e reposto, fixando-se ali definitivamente em 1933.

A esfera armilar e o símbolo de armas do rei D. Manuel enaltecem a sua importância histórica. A atribuição em 1510 do foral, que mais não é, afinal, do que a certidão de nascimento de um concelho foi, neste caso, uma reconfirmação. Idêntica decisão tinha já sido tomada em 1212 por D. Froila Hermiges de Ribadouro, patrona de Vila Franca, e prima de D. Afonso Henriques, a primeira mulher templária em Portugal.

Para além destes símbolos, só restam do pelourinho original a base e as duas metades da coluna. Na reconstrução adicionaram-lhe elementos revivalistas, inspirados nos estilos



observados nos fragmentos, como sejam o nó de duplo anel e capitel convexo. Típico pelourinho de bola, com base de escócia facetada côncava, de tipo estrelar, é decorado com rosetas e ostenta a esfera armilar e a cruz da Ordem de Cristo.

PRAÇA DE TOIROS PALHA BLANCO

(Vila Franca de Xira)



Praça de toiros onde já houve toiros de morte, a Monumental Palha Blanco foi construída em 1901. A iniciativa partiu do lavrador e ganadeiro José Pereira Palha Blanco, que queria substituir a última das três praças em madeira que ali tinham existido e que ardeu. Homem com preocupações sociais, o fundador juntou a esse outro objectivo financeiro, com as receitas de bilheteira, o asilo-creche que acolhia os órfãos da pneumónica. Foi isso que justificou, de resto, que anos mais tarde a praça tivesse sido doada à Misericórdia de Vila Franca de Xira.

O projecto da construção da praça, que só depois da morte de Palha Blanco, em 1937, adopta o seu nome, foi confiado ao arquitecto Ferreira dos Santos, que a concebeu com mais de quatro mil lugares sentados. As despesas foram pagas pelo fundador e por

outros lavradores solidários. Inteiramente construída em tijolo, pedra e ferro, possui portas e trincheiras de *pitch-pine*, de pôr e tirar, e um sistema de corrediças, que evita o içar da saída dos curros. Adquiriu o prestígio de praça de primeira categoria no Verão de 1905, com a realização de uma corrida a que assistiu o rei D. Carlos.

O edifício tem três pisos, dispostos de forma concêntrica, articulados entre si por escadas exteriores, abrindo-se ao nível do terceiro uma varanda, com guarda em ferro fundido. Para além das touradas, já acolheu outros eventos, tais como combates de boxe, bandas de música, cinema ao ar livre, desfiles de carnaval, saraus de ginástica e bailes. Amália Rodrigues foi apenas uma das grandes personalidades do País a marcar presença nesta Praça.

QUINTA DA FÁBRICA DE POVOS

Rua de Santa Maria
(Vila Franca de Xira)

Dotada de uma importante área agrícola e uma vasta zona de lazer, a Quinta da Fábrica de Povos acolheu, durante mais de duzentos anos, a primeira unidade produtiva de curtumes do país, fundada aqui em 1729 por João Mendes de Faria Barbosa.

O conjunto patrimonial possuía, para além da área fabril, o palacete do proprietário, com os seus jardins, uma capela barroca, dedicada ao Santíssimo Sacramento, e vários outros edifícios. Aí vivia o capataz, numa construção em altura, formando uma torre de onde se avistavam os trabalhadores em acção; e aí se situavam as habitações dos artesãos e operários.



A IMPORTÂNCIA DO REI-SOL



Foi graças à grande visão política e económica de D. João V, que governou Portugal entre 1707 e 1750, iniciando nessa época o processo de industrialização do país, que a Real Fábrica de Atanados de Povos foi criada. Foi uma das primeiras indústrias do país (1729), utilizando desde logo processos de fabrico manuais e mecanizados no tratamento dos couros.

No núcleo funcional, onde se fazia o tratamento das peles, estava instalado o sistema hi-

dráulico, com os seus canais, tanques, comportas e açudes, fazendo-se o surrar das peles na cave do edifício.

A fábrica laborou durante mais de duzentos anos, desde o reinado de D. João V, frequentemente designado como “o Rei-Sol português”, até aos anos 40 do século XX. Sendo a água um elemento determinante, a circunstância de Povos possuir na época um porto, que laborou até finais do século XVIII, aconselhava a localização escolhida. Por outro lado, para além da água (a fábrica desviou uma ribeira cuja nascente se localiza nas imediações da quinta da Fonte Grande para alimentar a indústria como força motriz no curtimento dos couros), a fábrica precisava estar inserida em espaço agrícola, onde pudessem recolher matéria-prima para curtir as peles.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV (2001) - *Memórias de Pedra e Cal*, Catálogo da Exposição, Vila Franca de Xira, edição Museu Municipal - Câmara Municipal Vila Franca de Xira.

AAVV (1991), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (1998), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (2007), *Plano de Ordenamento e Gestão para a Reserva Natural do Estuário do Tejo – Etapa 1-Descrição, Volume III*, Lisboa, Hidroprojecto, Engenharia e Gestão SA / Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade

AAVV (2008), *1ª Revisão do Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira, Análise e Diagnóstico, Caderno IV – História e Património, Volume I, Carcavelos*, Ed. Plural, Planeamento Urbano, Regional e de Transportes, 2004; revisto em 2008.

AAVV (2003), *Real Fábrica de Louças, ao Rato*, Lisboa, Museu Nacional do Azulejo

ALCÂNTARA, Dora de (1997). *Azulejos na Cultura Luso-brasileira*. Brasília, Ministério da Cultura.

AMARAL, João (1856). *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*. Vila Franca de Xira, reed. 1997, Museu Municipal.

APPLETON, João (2003), *Reabilitação de Edifícios Antigos*, Lisboa, Orion

AZEVEDO, Carlos de, FERRÃO, Julieta e GUSMÃO, Adriano de (1963), *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Vol. III, Concelhos de Mafra, Loures e Vila Franca de Xira*, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa.

CAMACHO, Clara (1985), *De Alverca a Castanheira: cinco vilas da Estremadura através das cartografias setecentistas*, Vila Franca de Xira, Boletim Cultural Xira, nº 1.

CUSTÓDIO, Jorge (1999), *A Quinta da Fábrica*, Vila Franca de Xira. Xira - Boletim Cultural, nº 8.

HELENO, Manuel (1949), *Sarcófago romano da região de Vila Franca de Xira*, Lisboa, Tip. Casa Portuguesa

LOPES, Vítor Sousa (2001). *Testemunhos nas Paredes: ensaios de azulejaria*. Lisboa, A. C. D. Editores.

MARTINHO, Maria João Batista (2002), *A Arquitectura do Património da Companhia das Lezírias*, in *Estudos de História da Arte – Novos Contributos*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

NORTON, José (2009), *O Milionário de Lisboa*, Lisboa, Dom Quixote.

RAIMUNDO, Orlando (2010), *As Linhas Defensivas de Torres Vedras*, Coleção Vila Franca de Xira – “Saber Mais Sobre...”, Edição da Câmara Municipal,

RAIMUNDO, Orlando (2010), *Feiras, Festas e Romarias*, Coleção Vila Franca de Xira – “Saber Mais Sobre...”, Edição da Câmara Municipal,

RAIMUNDO, Orlando (2010), *Museus do Concelho*, Coleção Vila Franca de Xira – “Saber Mais Sobre...”, Edição da Câmara Municipal,

SIMÕES, J. M. dos Santos (1971), *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS E ENSAIOS HISTÓRICOS

MATTOSO, José (1993), *Estratégias de pregação no século XIII*, Lisboa, Editorial Estampa.

MATTOSO, José (1992), *Portugal Medieval. Novas interpretações*, Lousã. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MEDINA, João (1995) - *História de Portugal*, Clube Internacional do Livro.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1978) *História de Portugal, Volume I, Estado, Pátria e Nação (1080-1415)*, Lisboa, Editorial Verbo

SERRÃO, Joel dir. (1989), *Dicionário da História de Portugal*, 6 vols., Porto, Livraria Figueirinhas.

PERIÓDICOS

SARMENTO, Zeferino (1964), *Estrada de Lisboa a Santarém. Demarcação*, *Vida Ribatejana*, nº especial dedicado a Vila Franca de Xira,

TALIXA, Jorge (2003), *Degradação acelerada e Instituição procura parceiros para recuperar Palácio do Farrobo*, Público de 23 de Março

VALE, Maurício do (2003), *O toureio é uma dança*, Entrevista ao Correio da Manhã de 20 de Abril.

DOCUMENTOS ON-LINE

Site Fórum Defesa
<http://www.forumdefesa.com>

Site Jornal O Mirante
<http://www.omirante.pt/>

Site Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira
<http://www.vfxira.pt/>

Site Plaza Ribeiro Telles
<http://www.plazaribeirotelles.com>

CONTACTOS

POSTO DE TURISMO

Vila Franca de Xira
263 285 605
turismo@cm-vfxira.pt

MUSEU MUNICIPAL - NÚCLEOS

Sede

Vila Franca de Xira
263 280 350
sede@museumunicipalvfxira.
org

Núcleo Museológico

Alverca
21 957 03 05

Arte Sacra

Vila Franca de Xira
263 285 620 / 263 288 337

Barco Varino

Vila Franca de Xira
263 280 350 | 263 280 460
turismo@cm-vfxira.pt

Museu Neo-realismo

Vila Franca de Xira
263 285 626
neorealismo@cm-vfxira.pt

JUNTAS DE FREGUESIA

Alhandra

21 951 90 50
geral@alhandra.net

Alverca do Ribatejo

21 958 76 80
geral@jf-alverca.pt

Cachoeiras

263 272 590
jfcachoeiras@mail.telepac.pt

Calhandriz

21 958 81 30
jf_calhandriz@iol.pt

Castanheira do Ribatejo

263 299 747
jf.castanheira@mail.telepac.pt

Forte da Casa

21 953 31 00
jf.fortedacasa@mail.pt

Póvoa de Santa Iria

21 953 96 90
geral@jf-povoasantairia.pt

S. João dos Montes

21 950 07 01
j.f.s.joao.montes@net.novis.pt

Sobralinho

21 950 05 41
secretaria@jf-sobralinho.pt

Vialonga

21 952 09 67
geral@jf-vialonga.pt

Vila Franca de Xira

263 200 770
freguesia@jf-vfxira.pt